

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INCLUSIVA EM CONTEXTOS ESCOLARES**

**UM OLHAR EDUCACIONAL INCLUSIVO: AFINAL, VAMOS
INCLUIR?**

Carla Rosa Pavão Mariola
Nº de Matrícula: 11279007c
Polo: Juiz de Fora

Juiz de Fora
2019

CARLA ROSA PAVÃO MARIOLA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)
PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

**UM OLHAR EDUCACIONAL INCLUSIVO:
AFINAL, VAMOS INCLUIR?**

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Especialização em Educação Inclusiva em contextos escolares, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial a obtenção do título de Especialista.

Orientador: Prof^ª Dr^ª Márcia Marin Vianna

Coorientador: Thenner Freitas da Cunha.

Juiz de Fora
2019

Ficha catalográfica elaborada através do programa de
geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF,
com os dados fornecidos pelo (a) autor (a)

Mariola, Carla Rosa Pavão.

Um olhar Educacional Inclusivo: Afinal, vamos incluir? /
Carla Rosa Pavão Mariola. -- 2019.
41 f.: il.

Orientadora: Professora Doutora Márcia Marin Vianna

Coorientadora: Professor Doutor Thenner Freitas da Cunha

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) – Universidade
Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação. Especialização em
Educação Inclusiva em Contextos Escolares, 2019.

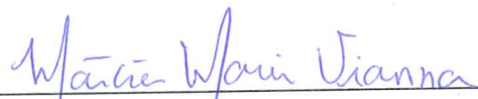
1. capacitação de professores. 2. Educação Inclusiva. 3. Escola
Regular. I. Vianna, Professora Doutora Márcia Marin, orient. II.
Cunha, professor Doutor Thenner Freitas da coorient. III. Título.

CARLA ROSA PAVÃO MARIOLA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

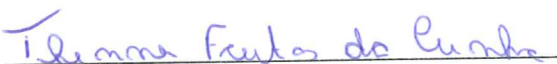
Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Especialização em Educação Inclusiva em contextos escolares, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial a obtenção do título de Especialista.

Aprovado em: _____


BANCA EXAMINADORA



Professora Doutora Márcia Marin Vianna



Professor Doutor Thenner Freitas da Cunha



Professora Mestra Luciane Aparecida Nobre

Juiz de Fora
2019

AGRADECIMENTOS

Meu agradecimento inicial a Deus, que me renova e me abençoa todos os dias com o seu amor infinito.

Meu eterno amor para a minha família. Especialmente, meu pai e minha mãe, que juntos enfrentaram tantas dificuldades para que eu pudesse estudar. Meu esposo Anderson e minha amada filhinha PIETRA, que ao longo desses meses me deram não só força, mas apoio para vencer essa etapa. Aos meus irmãos, principalmente a Rita obrigada pelo apoio e torcida, minhas cunhadas que amo e meus sobrinhos e sobrinhas que enchem a minha vida de sentido.

Não tenho palavras para agradecer a todos os meus amigos, que deram uma contribuição valiosa para o sucesso desta jornada acadêmica. Obrigada pelos conselhos, palavras de apoio, puxões de orelha e risadas. Queria dar destaque a alguns nomes aqui, não por serem melhores, mas por serem mais próximos e muitas vezes acalentaram o meu coração nas muitas vezes que pensei em desistir. Meus amorecos Daniele Salzer, Gabrielle Marques, Gisele Guaraldo, Luciana Assumpção, Miriam Gusmão, Paulo Avelar, Poliana Matos, Vera Barradas e Virginia Corrêa. Só tenho a agradecer e dizer que esse TCC também é de vocês.

Agradecer a minha equipe de trabalho que me apoiaram no projeto deste TCC, e por cada dia me ensinar como ser profissional, vocês são demais.

Obrigado a UFJF, universidade que admiro muito, pela oportunidade de estar aqui novamente. Agradeço por me oferecer professores incríveis, em especial o meu coorientador, Thenner Freitas da Cunha, que nunca negou uma ajuda durante o TCC.

RESUMO

Este projeto de intervenção tem um importante olhar sobre o ato de incluir. A inclusão envolve um processo de reestruturação nas escolas como um todo. Mas o meu foco foi direcionado para a capacitação de professores que são peças primordiais desta máquina complexa chamada Educação.

Sabemos que a trajetória da inclusão tem sido traçada lentamente, mas ela tem ganhado espaço na Seara Educacional e para que este processo se edifique positivamente dentro dos muros das escolas temos que voltar nosso olhar para os profissionais que estão recebendo estes alunos com necessidades especiais dentro de suas salas de aula. Capacitar estes profissionais se faz urgente para que a inclusão escolar se perpetue de uma forma eficaz.

O paradoxo inclusão/exclusão tem uma linha tênue que as separa, sabemos que muitos caminhos deverão ser trilhados e traçados para a conquista do espaço merecido da inclusão sejamos coautores deste processo de forma a influenciar positivamente para a tão almejada conquista que a Educação Inclusiva tem buscado. Vamos lutar juntos!

Palavras-chave: Capacitação de Professores, Educação Inclusiva, Escola Regular.

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO.....	7
2 - IDENTIFICAÇÃO DA SITUAÇÃO PROBLEMA.....	9
3 - DESCRIÇÃO PROBLEMA/QUESTÃO.....	10
4 - JUSTIFICATIVA	11
5 - OBJETIVOS GERAIS	13
6 - OBJETIVOS ESPECÍFICOS	13
7 - ALTERNATIVAS ESCOLHIDAS PARA A INTERVENÇÃO.....	14
8 - CRONOGRAMA.....	16
9 – RELATORIO DE DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA.....	16
10 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18
11 - REFERÊNCIAS.....	19
12 - ANEXOS.....	22

PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

UM OLHAR EDUCACIONAL INCLUSIVO: AFINAL, VAMOS INCLUIR?

1 - INTRODUÇÃO

O presente trabalho possui o objetivo de demonstrar a importância e a contribuição que a intervenção pedagógica tem na seara da Educação Inclusiva. O intuito do trabalho é apresentar as justificativas para a realização de tal intervenção para que este procedimento ajude na inclusão dos alunos com necessidades especiais, sejam estas necessidades no que diz respeito ao físico, ao emocional ou ao comportamental. Sugiro uma intervenção que estimulará as pessoas envolvidas, e a partir desta provocação acredito que serão impulsionadas a buscar mais conhecimentos.

Sabemos que a discussão sobre inclusão ainda é bem recente, e que as políticas públicas agem lentamente a favor destas urgências. Mantoam (2003) afirma que as escolas devem ser abertas incondicionalmente a todos os alunos, portanto inclusiva.

Segundo Alonso em entrevista para revista Nova Escola de fevereiro de 2013, a Educação inclusiva propõe uma educação para todos em um mesmo contexto escolar, sendo necessário ressignificar o espaço escolar e romper com o que está imposto a nós há anos.

Com as discussões e manifestações sobre o direito da educação inclusiva, as políticas públicas foram se organizando em prol desta comunidade. Em 1994 ocorreu uma conferência mundial, a Declaração de Salamanca, que tratou sobre a educação especial, com conteúdo abrangente, convocando todos a se unir para derrubar as barreiras que distanciam as pessoas com necessidades especiais e este legado vem influenciando até os dias atuais, propondo uma reestruturação do âmbito escolar urgente.

A Declaração de Salamanca forneceu diretrizes para a revisão das políticas públicas e dos sistemas educacionais, reunindo em um documento temas importantes para que a tão sonhada inclusão fosse olhada de uma forma mais respeitosa.

Várias políticas públicas se articularam para fazer valer no direito à educação a pessoas com necessidades especiais em salas regulares. Além da Declaração de Salamanca podemos citar também a Constituição Federal de 1998, a Lei de Diretrizes e Bases de 1994 (LDB) e o Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990. E, posteriormente, o Ministério da Educação se articula em prol da educação inclusiva e cria o PNEE- Política Nacional de

Educação Especial (2014), reconhecendo as lutas sociais e buscando promover uma educação de qualidade para todos.

Mas na busca por uma equidade que realmente fará a diferença na vida destas pessoas, podemos perceber que a família tem um lugar de destaque, primeiramente que este é o primeiro grupo social destes alunos, e segundo podemos vislumbrar muitas questões a partir do que nos é relatado pelos familiares, para que possamos entender todo o processo de inclusão deste indivíduo. De acordo com Tiba:

(...) para a escola, os alunos são apenas transeuntes psicopedagógicos. Passam por um período pedagógico e, com certeza, um dia vão embora. Mas, a família não se escolhe e não há como mudar de sangue. As escolas mudam, mas os pais são eternos (...)
(2002, p. 181).

O tripé educacional Alunos – Responsáveis - Escola necessita estar sintonizado para um real e relevante processo educacional. E ao nos depararmos com as inúmeras questões escolares, principalmente relacionadas à inclusão, nos deparamos com a necessidade de conhecer o diagnóstico de cada aluno, dando suporte para descobrir as dificuldades específicas, facilitando o trabalho educacional a ser desenvolvido de forma mais eficaz e aprimorado, ou seja, será elaborado o plano de ensino de acordo com as dificuldades presentes. Ao nos depararmos com nossos alunos em sala de aula devemos refinar nossos olhares, de forma a encontrar as possíveis dificuldades, podendo assim intervir de forma mais eficiente, e quando necessário encaminhar para os profissionais específicos.

Temos a favor da educação inclusiva vários documentos para organização das políticas públicas seguindo padrões internacionais, conheceremos um pouco da Lei Brasileira de Inclusão – LBI – (BRASIL, 2015). Que trata sobre as deficiências da seguinte forma:

Art. 2º Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.

§ 1º A avaliação da deficiência, quando necessária, será biopsicossocial, realizada por equipe multiprofissional e interdisciplinar e considerará:

I - Os impedimentos nas funções e nas estruturas do corpo;

- II - Os fatores socioambientais, psicológicos e pessoais;
- III - a limitação no desempenho de atividades; e
- IV - A restrição de participação.

A contribuição deste modelo biopsicossocial trouxe uma soma para a inclusão muito relevante, pois analisa os fatores biológicos, os psicológicos e os sociais, para uma efetiva ajuda tanto clinica como educacional.

2 - IDENTIFICAÇÃO DA SITUAÇÃO PROBLEMA

Para entender melhor a relevância da Educação Inclusiva no ambiente escolar faz-se necessário compreender as principais dificuldades e características que tais alunos que necessitam desta inclusão possuem. Devemos buscar eliminar os obstáculos que limitam a aprendizagem, conhecer e entender as diferenças para planejar as ações pedagógicas.

Ao conhecer as peculiaridades o planejamento torna-se mais específico e, conseqüentemente, refletirá no bom desenvolvimento do aluno. Os professores, de maneira geral, enfrentam desafios no seu trabalho, pois ensinar não é uma tarefa simples e auxiliar o aluno em suas conquistas necessita de muitos conhecimentos, “o comportamento do professor em relação aos alunos é de fundamental importância para que ocorra a aprendizagem”, ressalta Piletti (2004, p.83).

Além de metodologias e planejamento no que tange aos educadores, estes e toda a sociedade precisam saber da diferença que a educação pode proporcionar na vida de um aluno com necessidade especial e que suas dificuldades e limitações não são impossibilidades. O aluno da escola inclusiva não tem uma identidade fixada em modelos. Santos (1995) diz que é preciso que tenhamos o direito de sermos diferentes quando a igualdade nos descaracteriza e o direito de sermos iguais quando a diferença nos inferioriza.

Há dois anos, me deparei no meu local de trabalho com um aluno de comportamento extremamente difícil e desafiador, fui confrontada dia após dia, e esta vivência me trouxe a uma reflexão profunda sobre as questões que permeiam a nossa prática escolar.

Mediante a estas questões sempre me aproximo dos professores e dos responsáveis dos alunos, como coordenadora pedagógica tento ficar a par de todas as questões relevantes que interferem no fluir da docência, tentando viabilizar um processo suave e menos desgastante. Buscando uma união para que juntos possamos derrubar a frieza dos prédios feitos de tijolos, nos empenhando na construção de indivíduos sociais.

E retomando ao relato da minha experiência com o aluno que me confrontou e mexeu com a minha estrutura profissional, percebi que como escola estamos muito desprovidos de conhecimento para fazermos com excelência uma inclusão eficiente. Conhecer este aluno me fez perceber a necessidade de ampliar a visão e me mostrou que se faz urgente uma capacitação, fazendo assim a ponte para a inclusão no cotidiano escolar. Pois ao pensarmos em Educação inclusiva logo pensamos no deficiente físico, ou o visual ou o auditivo. Na escola estamos cercados de indivíduos com necessidades especiais e temos que nos empenhar em fazer na vida deste aluno uma passagem relevante. E isto implica em sairmos de nossa zona de conforto, mover nossas forças para realmente somarmos na construção do conhecimento na vida destes alunos que tem incidências cada dia maiores nas escolas regulares. Olhar para dentro de nossas práticas educacionais buscando fazer a diferença, reestruturando nosso currículo, flexibilizando e adequando de forma a contribuir com a construção deste cidadão. André (1999), diz que diferenciar é sobretudo, aceitar o desafio de que não existem respostas prontas, nem soluções únicas.

A Práxis Educacional é dialética, e a revisão curricular é ferramenta importante para as estratégias educacionais, uma vez que a escola é um lugar de erros e acertos, ali todos aprendem e todos ensinam. Um espaço facilitador do trabalho e da aprendizagem contribuindo na formação de cidadãos completos.

3 - DESCRIÇÃO PROBLEMA/QUESTÃO

A família projeta sonhos e desejos para o futuro da criança que está por vir, e ao serem pegos de surpresa pelo fato de estarem prestes a receber um bebê com necessidades especiais, toda a estrutura familiar é confrontada.

Buscaglia (1997) afirma que mesmo depois do impacto inicial, a presença de uma criança deficiente exige que o sistema se organize para atender as necessidades.

Esta adaptação é feita ao longo da vida do indivíduo, sabemos que ao nascermos somos uma página em branco, as impressões são feitas ao longo da vida e as conquistas destas impressões para as pessoas com necessidades especiais são conquistadas com maior dificuldade.

A escola onde trabalho é uma escola de porte grande, ali se reúne uma comunidade singular. Temos muitos alunos da Educação inclusiva. Mas aquela criança que relatei era diferente, nunca na minha experiência escolar tinha me deparado com um nível de agressividade tamanha. E com isto começamos a reunir com a família, e depois de respostas

insatisfatórias consegui chegar até a neurologista que o acompanhava, então pude ter acesso ao diagnóstico que a família não tinha relatado a escola.

O aluno apresenta um transtorno chamado TOD – Transtorno Opositor Desafiador, e os sintomas são a rebeldia, teimosia e recusa a seguir ordens. E ao ser confrontado se porta com violência agindo com muita agressão, sendo auto e heteroagressivo.

Ao tomar conhecimento deste transtorno fiz um levantamento teórico para entender suas necessidades, na tentativa de ajudar esta criança e todo o restante da turma, que sofre com suas agressões. E pude observar que os profissionais envolvidos não possuíam conhecimento algum sobre este transtorno, somente a professora da sala de recursos que pode me ajudar. Fazemos um pré-julgamento por falta de conhecimento dos detalhes da situação de cada um, conhecendo os alunos podemos elaborar metodologias para o desenvolvimento da equidade.

A partir das questões levantadas com o convívio com estas crianças com necessidades especiais elaborei como estratégia de intervenção um circuito de conhecimento, onde em reuniões de módulo II estudaremos os diversos transtornos, síndromes e doenças que chegam até nossas escolas e muitas das vezes não sabemos lidar. Possibilitando a ampliação da visão para as diversas necessidades que antes passavam despercebidas.

Será feito um estudo personalizado sobre cada deficiência física, emocional e comportamental, ampliando a visão para nos instrumentalizar e atualizar, nos possibilitando a usar metodologias diversas para que os alunos em questão alcem voos mais altos. Valendo-nos de nossa realidade, de nossas experiências contribuindo assim para um crescimento mútuo de todos os envolvidos no ato educacional.

Os indivíduos estão aptos a aprender e se este processo não acontece temos que direcionar o nosso olhar para este aluno e entender os motivos da não aprendizagem. Segundo Locke (1960), nascemos como um papel em branco e no convívio social vamos aprendendo, nos tornando preenchidos de conhecimento.

4 - JUSTIFICATIVA

A Educação Inclusiva vem passando por vários caminhos e segundo Pesotti (1984) está sob a égide de vários olhares. Vários autores me guiaram e me deram embasamento teórico para a compreensão de várias questões que permeia meu cotidiano escolar e ao ler a crônica de Carlos Skliar “Os outros desiguais”, me fez refletir sobre esta prática, pois é fundamental ouvir o outro, se envolver. Ilana Katz em seu vídeo “Como

estamos tratando as experiências de inclusão escolar?” Pude concluir que “inclusão é relacionamento”, caminhar lado a lado independente das possibilidades do outro. Os olhares devem estar voltados para a ampliação e execução do processo de perpetuação da Educação Inclusiva.

Segundo Mantoam (2003), devemos buscar uma educação global, plena, livre de preconceitos e que valoriza as diferenças e isto requer mudança. Segundo a autora, a inclusão, portanto, implica mudança desse atual paradigma educacional, para que se encaixe no mapa da educação escolar que estamos retrazendo.

As políticas públicas devem possibilitar a equidade, pois sabemos que a Educação é um direito de todos, e que temos o direito de sermos diferentes este é o princípio da igualdade. Devemos nos dispor a estar com o outro, partilhar vivências, conhecer as possibilidades e assim experimentar a inclusão. Larrosa (2002) diz que experiência é aquilo “que nos passa, ou que nos toca ou que nos acontece, e ao nos passar, nos forma e nos transforma.” (p. 25,26). E neste parâmetro temos que ser capazes de olhar, de sentir, de interagir e de perceber o outro e as nos mesmos nesta troca de experiências. Ter conhecimento que as legislações são normas jurídicas que delineiam a ação do Estado é de extrema importância. Muitas contribuições às políticas já trouxeram para o âmbito escolar, a exemplo temos as tecnologias assistivas que favorecem a elaboração de recursos, estratégias e serviços visando à autonomia e à equidade.

A escola tem que estar em consonância com as novas tendências, o Projeto Político Pedagógico (PPP) e o Regimento deve legitimar as funções da escola e não será diferente para abarcar as peculiaridades da Educação Inclusiva. O PPP abre o debate para a diversidade no âmbito escolar, ressignificando a escola. Segundo Veiga (2003), o PPP exige profunda reflexão sobre as finalidades da escola, assim como a explicitação do seu papel social e a clara definição de caminhos, formas operacionais e ações a serem empreendidas por todos os envolvidos com o processo educativo.

A formação dos professores é um tema muito debatido e de extrema importância. A educação brasileira teve grandes avanços em relação às exigências acadêmicas deste profissional, a LDB (9394/96) tem um capítulo específico sobre a formação dos professores, nele afirma que a capacitação mínima para atuar na educação é o nível superior. Mas sabemos que somente a formação não atenderá as demandas educacionais. É notório e necessário que a teoria e a prática devam caminhar juntas a favor de uma cidadania global e plena.

Através das capacitações poderemos fazer intervenções mais eficientes, descobrir os melhores meios para lidar com o aluno. Ao conhecer cada dificuldade passamos a deter

diversos métodos que poderão ser utilizados no processo de aprendizagem do aluno com necessidade especial ou não.

E neste momento lançamos mão dos profissionais capacitados, como neurologistas, psicólogos, psicopedagogos entre outros para uma realização diagnóstica com maior riqueza de detalhes. Dando suporte para que a escola de conta da diversidade que se encontra dentro deste espaço.

Como diz Mantoan (2003, p.27): como se o espaço escolar fosse de repente invadido e todos os seus domínios fossem tomados de assalto. A escola se sente ameaçada e fecha-se em si mesma para se proteger da vida que existe além de seus muros e de suas paredes – novos saberes, novos alunos, outras maneiras de resolver os problemas e de avaliar a aprendizagem.

5 - OBJETIVOS GERAIS

Adquirir uma visão geral através dos estudos sobre as dificuldades, síndromes, transtornos, distúrbios e deficiências que os nossos alunos possam apresentar sendo levados através deste momento de estudo terem o olhar mais refinado para as dificuldades e por meio desta ferramenta os profissionais da educação envolvidos neste processo poderão viabilizar a melhor metodologia, desenvolvendo assim o planejamento para que o aluno vença com excelência os entraves e obstáculos que encontra no âmbito escolar.

Promover a interação entre os professores, proporcionando momentos de aprendizagem, troca de experiência, novos conhecimentos, fomentar as discussões de temas relevantes à prática diária na sala de aula inclusiva.

6 - OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Compreender as questões principais das dificuldades, síndromes, transtornos, distúrbios e deficiências, seus sintomas e desdobramentos.
- Buscar compreender o que as políticas públicas trazem de benefício para estes alunos e também para a escola.
- Promover diálogo entre os profissionais e através da troca de experiências compartilhar conhecimentos.

7 - ALTERNATIVAS ESCOLHIDAS PARA A INTERVENÇÃO

Oliveira (1995) diz que devemos “perceber o aluno em toda a sua singularidade, captá-lo em toda a sua especificidade em um programa direcionado a atender as suas necessidades especiais”. É através desta percepção que iremos afinar o olhar para uma docência consciente e verdadeiramente inclusiva.

Nós educadores a todo tempo somos levados a dar respostas para as diversas questões que surgem no cotidiano escolar. E sabemos que não temos respostas para todos os questionamentos.

Concordo com Pletsch (2001) que diz que “é necessário mudar concepções preconceituosas a respeito do que seja a Educação Inclusiva, bem como possibilitar aos professores do ensino regular conhecimento sobre essa proposta, já que a maioria não se sente preparada para receber esses alunos.”.

Glat e Blanco (2011) salientam: Indiscutivelmente, uma das principais barreiras para a transformação da política de Educação Inclusiva em práticas pedagógicas efetivas, conforme discutido por diversos autores é a precariedade da formação dos professores e demais agentes educacionais para lidar com alunos com significativos problemas cognitivos, psicomotores, emocionais e/ ou sensoriais, na complexidade de uma turma regular (p.20).

Desta forma, materializamos a realização de um circuito de conhecimento com cinco encontros, dando assim uma visão mais ampla das dificuldades, síndromes, transtornos, distúrbios e deficiências que muitas vezes não sabemos lidar e fazendo assim uma segregação ou integração mascarada de inclusão.

Encontro 1

Duração: 2 horas

Vídeo sobre inclusão – Basquete para cadeirantes

<https://youtu.be/9KIedVj9Aoc>

Atividade: Tempestade de ideias

Após passar o vídeo propor para os participantes que escrevam todas as palavras que vierem em sua mente sobre inclusão e deficiências.

O objetivo desta atividade é perceber o que o grupo tem de conhecimento sobre o tema.

Material: TV, vídeo, quadro, giz, folha, caneta e papel.

Desenvolvimento: cada participante receberá o material para escrever o que vier em sua cabeça sobre o tema. Logo após o palestrante lê cada palavra e as escreve no quadro.

Daí fomentar uma discussão sobre o tema levantando respostas e reflexões.

Encontro 2

Duração: 2 horas

Dinâmica: O sentimento é pertencimento

O grupo escolhe uma pessoa aleatória para ficar fora do círculo, e o que foi escolhido tenta de todas as maneiras entrar no meio do círculo para se sentir aceito.

A meta do grupo é não deixar em hipótese alguma. Após muitas tentativas parar a dinâmica e dar a voz ao excluído com a pergunta:

- Como você se sentiu ao ser excluído pelo grupo? A partir desta pergunta aprofundar mais sobre a inclusão, trazendo dados e informações gerais para ampliação de conhecimento.

Encontro 3

Duração: 2 horas

Grupo de estudos: dividir o grupo e entregar fichas resumidas com as diversas síndromes e deficiências que recebemos em nossa sala de aula. O grupo fará um estudo mais aprofundado sobre as síndromes, os transtornos e as deficiências.

Encontro 4

Duração: 3 horas

Depois que discutiram e pesquisaram, no encontro anterior, os integrantes do grupo se reúnem novamente para trocar os conhecimentos. Cada grupo terá um tempo para expor para os demais tudo que conseguiu absorver nestes estudos.

Encontro 5

Duração: 2 horas

Este momento será separado para um feedback de nossa vivencia nos encontros e também trocaremos experiências.

Segundo Moran (2006, p.29) “ensinar e aprender exige hoje muito mais flexibilidade, pessoal e de grupo, menos conteúdos fixos e processos mais abertos de pesquisa e de comunicação”.

8 - CRONOGRAMA:

Encontro 1	12/03/2019
Encontro 2	19/03/2019
Encontro 3	26/03/2019
Encontro 4	02/04/2019
Encontro 5	09/04/2019

9 – RELATORIO DE DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO

PEDAGÓGICA

Para os encontros elaborei slides no Power Point para me guiar na sequência das atividades e deixar mais dinâmica a apresentação. No primeiro encontro, logo após a apresentação do projeto, passei um vídeo e percebi que todos ficaram muito emocionados e

impactados. Já seria fácil trabalhar com estes profissionais, pois mantemos uma relação intensa de respeito e admiração uns pelos outros, mas o tema propiciou um clima de desejo de aprofundar ainda mais nos assuntos sugeridos. Nos reunimos no total de 15 pessoas.

Após passar o vídeo propus para os participantes que escrevessem todas as palavras que lembrassem sobre inclusão e deficiências. O objetivo desta atividade era perceber o que o grupo tem de conhecimento sobre o tema. Foram elencadas muitas palavras em relação à inclusão e pudemos neste momento fazer uma reflexão bem profunda sobre as questões ligadas a inclusão escolar.

No segundo encontro percebi que as pessoas envolvidas estavam realmente com desejo de saber mais sobre a proposta do projeto, e sob o desejo de aprofundar demos continuidade ao projeto. O grupo deveria escolher uma pessoa aleatória para participar da dinâmica: O sentimento é de pertencimento. A pessoa escolhida ficaria de fora do círculo, e o que foi escolhido tentaria de todas as maneiras entrar no meio do círculo para se sentir aceito. Este momento foi difícil ninguém queria apontar algum colega. Então, eu mesma tive que escolher uma pessoa, a escolhida inicialmente ficou um pouco questionadora e queria entender porque a tinha escolhido, mas depois aceitou o desafio. A missão é não deixar em hipótese alguma esta pessoa entrar, ou seja, fazer parte da roda. Após muitas tentativas frustradas parei a dinâmica e dei a voz ao excluído com a seguinte pergunta: Como você se sentiu ao ser excluído pelo grupo?

A sua postura foi ficar correndo em volta da roda para tentar nos distrair e conseguir entrar, mas não permitimos a sua entrada em hipótese alguma, percebi frustração em suas tentativas, e depois ela relatou que é muito ruim ser diferente dos demais e ter que na força tentar conseguir um espaço. A partir daí passei uns slides com um pouco de teoria, e pudemos ouvir um pouco do que estas teorias vêm refletindo na prática. Alguns anseios também foram levantados.

No terceiro encontro disponibilizei uma diferenciação básica sobre o que são doenças, transtornos, deficiências e síndromes. Após a leitura e compreensão das diferenças acima propostas nos dividimos em 5 grupos. Entreguei as fichas resumidas (anexo) com as diversas síndromes e deficiências que recebemos em nossa sala de aula. O grupo fez um estudo mais aprofundado sobre as síndromes, os transtornos e as deficiências, utilizaram aqui o seu próprio conhecimento e pesquisas na internet.

No quarto encontro, após o que foi discutido e pesquisado no encontro anterior, o grupo se reuniu novamente para trocar os conhecimentos. Cada grupo utilizou um tempo

estabelecido para expor para os demais tudo que conseguiu absorver nestes estudos. Cada grupo expôs o material riquíssimo que conseguiram levantar sobre as suas fichas de estudo. E foi um momento de muita troca de conhecimento. (Ver fotos em anexo)

O último encontro foi um momento muito bacana, pois cada um pode ouvir e ser ouvido tiramos dúvidas, levantamos questionamentos e saímos de lá com a proposta inicial cumprida, que seria fomentar cada participante a buscar mais conhecimento. Não caminhamos para um encerramento, ampliamos os caminhos com planos de ampliar os encontros.

10 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados alcançados neste projeto foram surpreendentes e os profissionais foram instigados a buscar mais conhecimento sobre as dificuldades de seus alunos de uma forma mais profunda e eficaz.

As políticas públicas garantem o direito de todos os alunos estarem na rede regular de ensino, em contrapartida as escolas deveriam estar preparadas a trabalhar com as diferenças. Mas ao contrário observamos um despreparo para abarcar a inclusão, do outro lado vejo profissionais com grande interesse em incluir de forma a contribuir para a formação plena destes cidadãos. Porém há uma grande frustração, pois, muitos fatores estão envolvidos para que este desejo não se conclua como a falta de condições financeiras para investimento em formação continuada. O fator tempo, pois a maior parte dos profissionais tem que se desdobrar em jornadas duplas para viver com melhores condições entre outros fatores.

Alcançar o sucesso tão almejado na inclusão escolar é um grande desafio, todos os conceitos deverão ser revistos e mudados, concepções há anos pré-estabelecidas deverão ser questionadas e adequadas, não podemos nos acovardar aprisionados aos estigmas perante estes indivíduos com necessidades especiais.

A tão sonhada inclusão é possível acontecer, mas é necessário valorizar as identidades e buscar respeitar as diferenças, tendo um olhar voltado às reais necessidades de cada um, devemos lançar mão da empatia para que verdadeiramente possamos proporcionar um ambiente participativo e que possamos reconhecer as singularidades que permeiam o âmbito escolar.

11 - REFERÊNCIAS:

ALONSO, Daniela. Os desafios da educação inclusiva: foco nas redes de apoio. Nova Escola. Fev. 2013

ANDRÉ, Marli. Pedagogia das diferenças na sala de aula. Campinas/SP: Papirus, 1999.

BRASIL, LEI N° 13.146, DE seis DE JULHO DE 2015. Dispõe sobre a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Disponível em: <
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm>. Acesso em: 04 jan. 2019.

BUSCAGLIA, L. Os Deficientes e seus Pais. Trad. Raquel Mendes. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1997

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Rev. Bras. Educ. [online]. 2002, n.19

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Imprensa Oficial, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Brasília: MEC, 2001b.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394 de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente/ ECA Lei Federal nº 8069, de 13 de julho de 1990.

GLAT, R; Fernandes, EM. Da Educação Segregada à Educação Inclusiva: uma breve reflexão sobre os paradigmas educacionais no contexto da Educação Especial brasileira. Revista Inclusão: MEC / SEESP. 2011.

KATZ, Ilana. Como estamos tratando as experiências de inclusão escolar? Café filosófico, 20/03/2018.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 13 Ed. São Paulo; Cortez, 1994.

LOCKE, John. Ensaio sobre o entendimento humano. vol.1. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999b.

MANTOAN, Maria Tereza Égler. **Inclusão Escolar – O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Ed. Moderna. 1 ed. 2003.

MORAN, José Manuel. **Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas**. In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. Novas tecnologias e mediação pedagógica. 12. ed. Campinas, SP: Papirus. 2006. p.11-66.

OLIVEIRA, Marta Kohl. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio histórico**. 2.ed. São Paulo: Scipione, 1995.

PESSOTTI, Isaías. **Deficiência Mental: da superstição à ciência**. São Paulo: T. A. Queiroz/EDUSP, 1984.

PILLETI, M. T. E. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna. Summus Editorial (2004/2015). Disponível em: <http://www.gruposummus.com.br/indice/10999.pdf>. Acesso em: 10 de nov. De 2018.

PLETSCH, M.D. **O papel do educador especial face à inclusão de alunos com necessidades especiais no ensino comum**. Monografia de conclusão de curso de graduação em educação especial. UFSM, Santa Maria/RS, 2001.

SALAMANCA, Declaração de. Conferência mundial sobre necessidades educativas especiais. Salamanca, 7 a 10 de junho de 1994. Paris: Éditions du Seuil, 1994

SANTOS, Boaventura de Souza. **Entrevista com professor Boaventura de Souza Santos. (online)** Disponível: <http://www.dhi.uem.br>. 1995.

SKLIAR, Carlos. **Desobedecer à linguagem: educar**. Tradução Giane Lessa. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. Cap. 4, item 5.

TIBA, Íçami. **Quem ama educa**. São Paulo, Gente,2002.

VEIGA, Ilma Passos A. Inovações e projeto político-pedagógico. Cad. Cedes, Campinas, v. 23, n. 61, p. 267-281, dezembro 2003.

12 - ANEXOS

Anexo 1 - Slides

Especialização em educação inclusiva em contextos escolares - UFJF

UM OLHAR EDUCACIONAL INCLUSIVO: AFINAL, VAMOS INCLUIR?

Carla Rosa Pavão Mariola



Questões que permeiam o projeto:

Circuito de conhecimento.

- Sugiro uma intervenção que confrontará as pessoas envolvidas, e a partir desta provocação acredito que serão impulsionados a buscar mais conhecimentos.
- Sabemos que a discussão sobre inclusão ainda é bem recente, e que as políticas públicas agem lentamente a favor destas urgências. Mantoam (2003) afirma que as escolas devem ser abertas incondicionalmente a todos os alunos, portanto inclusiva.
- Devemos buscar uma escola verdadeiramente inclusiva, onde todas as diferenças serão assistidas e respeitadas.

Informações importantes:

- As políticas públicas foram se organizando a favor da inclusão, em 1994 ocorreu uma conferência mundial, a Declaração de Salamanca, que tratava sobre a educação especial, o seu conteúdo era abrangente, convocando todos a se unir para derrubar as barreiras que distanciam as pessoas com deficiência, e este convite ecoa até os dias atuais, propondo uma reestruturação do âmbito escolar urgente.

- Várias políticas públicas se articularam para fazer valer o direito à educação a pessoas com necessidades especiais em salas regulares, além da Declaração de Salamanca podemos citar também a Constituição de 98, a Lei de Diretrizes e Bases de 1994, o Estatuto da Criança e do Adolescente em 1990. E posteriormente o Ministério da Educação se articula em prol da educação inclusiva e cria o PNEE- Política Nacional de Educação Especial, reconhecendo as lutas sociais, buscando promover uma educação de qualidade para todos.
- Segundo Moran: Ensinar e aprender exige hoje muito mais flexibilidade, pessoal e de grupo, menos conteúdos fixos e processos mais abertos de pesquisa e de comunicação.

→ **Doenças:** são definidas como um estado de ausência de saúde, porém essa definição não é muito objetiva. Podemos caracterizar uma doença como alteração em determinado órgão, na psique ou até mesmo do organismo como um todo, que leva a sintomas específicos e apresenta causas conhecidas.

→ **Síndromes:** são definidas como um conjunto de sinais e sintomas que acontecem ao mesmo tempo no paciente e podem ter causas diversas. Isso quer dizer, então, que as síndromes apresentam diferentes causas, e não apenas uma definida, e são determinadas por um conjunto de sintomas, diferenciando-se, assim, das doenças que têm causas conhecidas e sintomas específicos. Normalmente, são denominadas de síndrome também aquelas alterações das quais ainda não se sabe a causa.

→ **Distúrbios:** mau funcionamento de um órgão.

→ **Transtornos:** termo utilizado amplamente em psicologia e psiquiatria, dizem respeito a alterações no estado normal de saúde, causando incômodo no acometido. Eles podem ocorrer no âmbito da saúde mental e levar ao comprometimento das ações do dia a dia do paciente e de sua personalidade, causando-lhe sofrimento ou incapacitação. Vale salientar que, quando analisamos quadros clínicos mentais, poucos são os casos que podem ser tratados como doença, pois é difícil estabelecer os sintomas específicos e as causas de todos.

→ **Deficiência:** qualquer tipo de perda ou anormalidade que limite as funções físicas, sensoriais ou intelectuais de uma pessoa. De maneira geral, o termo está relacionado com um alto grau de disfunção das funções psicológica, fisiológica ou anatômica do ser humano, uma vez que todos podemos sofrer algum tipo de deficiência no organismo.

Anexo 2 – Fichas



DISTÚRBO DO PROCESSAMENTO AUDITIVO

Quais sinais são observados na criança na **PRÉ-ESCOLA**?

O pré-escolar com Distúrbio do Processamento Auditivo (DPA) pode ter dificuldade de lidar com ambientes barulhentos e de ajustar o ruído de fundo. Abaixo algumas dicas que você pode observar:

NÃO GOSTA DE LIVROS



Em casa: Seu filho prefere brincar com quebra-cabeças ou assistir a vídeos.

Na escola: o seu filho não ficará parado durante o tempo da história.

O problema: Crianças com DPA lutam para processar o que ouvem.

ODEIA BARULHOS INTENSOS



Em casa: O seu filho sai correndo quando você liga o aspirador de pó ou o liquidificador.

Na escola: Seu filho cobre as orelhas na aula de música.

O problema: Crianças com DPA podem ser muito sensíveis a sons e terem dificuldades em ajustar o ruído de fundo.

PARECE OUVIR, MAS NÃO ESCUTA



Em casa: seu filho responde as suas perguntas dizendo "o quê?".

Na escola: seu filho muitas vezes precisa ter instruções repetidas.

O problema: As crianças com DPA têm dificuldade de se lembrar de informações quando elas são apresentadas oralmente.

"TROPEÇA" NAS PALAVRAS



Em casa: seu filho pronuncia mal as palavras, dizendo coisas como "fa" em vez de "faca".

Na escola: o seu filho confunde palavras semelhantes, como "pato" e "bato" ou "sete" e "dezessete".

O problema: Crianças com DPA muitas vezes têm atrasos de fala.

Pollyanna Barros Batista
Fonoaudióloga (CRFa 6 7566)
Avaliação do Processamento Auditivo e Treinamento Auditivo

Rua Aimerés, 462, sala 116, Funcionários -
Belo Horizonte
(31) 991167806



Para mais dicas e informações acesse:
pollyannabatistafonoaudiologa.blogspot.com.br

DISLEXIA



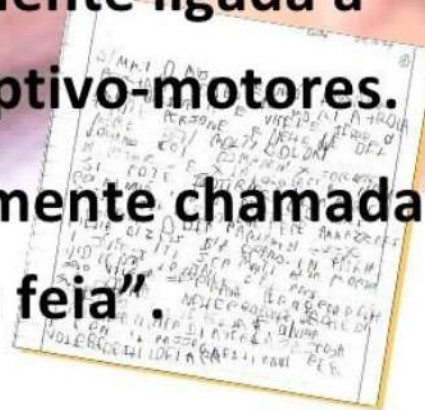
É um transtorno de aprendizagem caracterizado pela dificuldade de leitura, apesar da inteligência da pessoa ser normal. E afeta as pessoas em diferentes graus. Os principais sintomas são dificuldades em pronunciar corretamente as palavras, em ler rapidamente, em escrever palavras à mão, em subvocalizar palavras, em pronunciar corretamente palavras ao ler em voz alta e em compreender aquilo que se está a ler. Em muitos casos estas dificuldades começam-se a notar na escola

Diagnóstico:

Uma equipe multidisciplinar, formada por Psicóloga, Fonoaudióloga e Psicopedagoga Clínica com uma minuciosa investigação, verificando a necessidade do parecer de outros profissionais, como Neurologista, Oftalmologista e outros, conforme o caso. Avaliação multidisciplinar e de exclusão.

disgrafia

A **Disgrafia** é uma alteração da escrita normalmente ligada a problemas perceptivo-motores. Também é vulgarmente chamada de “letra feia”.



Altas Habilidades



Altas habilidades/superdotação são os alunos que apresentam a facilidade de aprendizagem, pois dominam rapidamente os conceitos, os procedimentos e as atitudes. Por eles possuírem condições de aprofundar e enriquecer esses conteúdos devem receber desafios suplementares em classes comuns, em sala de recursos ou em outros espaços definidos pelos sistemas de ensino, até mesmo para concluir a série ou etapa escolar, em menos tempo. Suas características variam, mesmo porque cada um apresenta perfil diferenciado, como: no pensar, aprender, agir e no desenvolvimento de seu potencial.

Algumas características.

- Facilidade de concentração;
- Autonomia;
- Interesse por áreas e tópicos diversos;
- Iniciativa e liderança;
- Vocabulário avançado e riqueza de expressão verbal;
- Habilidade para considerar pontos de vistas de outras pessoas e perceber a discrepância entre idéias;
- Facilidade de interagir com crianças mais velhas ou com adultos;
- Interesse por livros;
- Criação de meios pessoais para resolução de problemas.

Síndrome de Asperger



É uma condição neurológica do espectro autista. Apresentam Coeficiente intelectual geralmente normal ou acima do normal, pode variar de pessoa para pessoa, e variar também de intensidade e gravidade:

Os sinais mais comuns incluem:

- ✓ Problemas com habilidades sociais
- ✓ Comportamentos excêntricos ou repetitivos
- ✓ Práticas e rituais incomuns
- ✓ Problemas de coordenação
- ✓ Alguns são Habilidosos ou talentosos em seu tema de interesse.

Diagnóstico em crianças é feito por um Psiquiatra infantil ou Neuropediatra.

Transtorno Opositivo Desafiador (TOD)



Pode ser definido como um padrão persistente de comportamentos negativistas, hostis, desafiadores e desobedientes observados nas interações sociais da criança com adultos e figuras de autoridade de uma forma geral.

Os principais sintomas do transtorno desafiador opositivo são: perda frequente da paciência, discussões com adultos, desafio e recusa a obedecer solicitações ou regras, perturbação e implicância com as pessoas, podendo responsabilizá-las por seus erros ou mau comportamento; se aborrece com facilidade e comumente apresenta-se enraivecido, irritado, ressentido, mostrando-se com rancor e com ideias de vingança.

Para o diagnóstico tais sintomas devem causar prejuízo significativo na vida social, acadêmica e ocupacional da criança ou adolescente, também é importante observar que no transtorno desafiador opositivo não há sérias violações de normas sociais ou direitos alheios, como ocorre no transtorno de conduta.

Diagnóstico em crianças é feito por um Psiquiatra infantil ou Neuropediatra.

TDAH



É uma condição diferenciada do neurodesenvolvimento. Caracterizada por problemas de atenção, atividade excessiva, dificuldade em controlar o comportamento que não é apropriado para a idade de uma pessoa. Em crianças, os problemas de falta de atenção podem resultar em desempenho escolar ruim. O TDAH é dividido em três subtipos:

- ✓ Predominantemente desatento,
- ✓ predominantemente hiperativo-impulsivo
- ✓ ou do tipo combinado.

Diagnóstico:

pode ser feito por psicólogos, médicos psiquiatras, neurologistas ou até mesmo pediatras podem igualmente realizar um Diagnóstico Clínico, desde que tenham experiência e prática profissional extensa com estes pacientes.

O mais importante é procurar um ESPECIALISTA, alguém com vasta experiência na condição para o diagnóstico.

AUTISMO



É uma condição neurológica e neurodiferenciada que faz com que o autista sinta e vivencie o mundo de uma forma diferente e única (variável em graus e de forma singular), não possuem características físicas diferenciadas.

Diagnóstico:

Principais critérios para diagnóstico:

- ✓ Déficits sociais;
- ✓ Comportamentos estereotipados ou repetitivos.

Diagnóstico em crianças é feito por um Psiquiatra infantil ou Neuropediatra.



Síndrome de Tourett



É uma condição neurológica que provoca explosões vocais e tiques físicos repetidos e involuntários. É a mais grave das síndromes de tiques. Tiques são espasmos musculares que Consistem em contrações repentinas e intermitentes de um grupo de músculos. As formas mais frequentes são piscar, fungar, fazer careta, movimentos do ombro e movimentos de cabeça e as vezes é associada à vocalização de termos obscenos, palavrões ou afirmações depreciativas e socialmente impróprias (**coprolalia**), embora este sintoma se manifesta apenas numa pequena minoria de pessoas com Tourett de 10% a 15%.

Diagnóstico em crianças é feito por um Psiquiatra infantil ou Neuropediatra



Transtorno Bipolar

NA INFÂNCIA E NA ADOLESCÊNCIA

Caracterizada pela oscilação entre períodos de extrema euforia e outros de depressão, a bipolaridade até pouco tempo era considerada uma doença de adultos. Mas estudos recentes começaram a apontar que o transtorno pode aparecer ainda na infância, e de forma mais frequente do que se imaginava.

As crianças que têm o transtorno bipolar são invadidas por uma montanha-russa de sentimentos sem que possam, muitas vezes, compreender exatamente o que estão sentindo.



Sinais de Alerta

- Isolamento social devido a seu comportamento inconstante
- Pouca resposta à estimulação visual e verbal
- Mudança inexplicável de comportamento
- Queixas de dores de cabeça e estômago
- Busca constante de novos estímulos
- Choro frequente e sem causa aparente
- Abandono de tarefas sem conclusão
- Recusa de alimentos ou voracidade
- Marcante inquietação motora
- Perturbação no sono
- Agressividade

Esquizofrenia Infantil

É uma condição mental que se caracteriza por degeneração de processos mentais, motores e emocionais. Apresenta sintomas como alucinações visuais e auditivas, pensamentos ou sentimentos estranhos, e comportamento anormal, profundamente impactando a capacidade da criança de funcionar e manter relacionamentos interpessoais normais. Ele geralmente apresenta após a idade de sete anos. Cerca de 50% das crianças com diagnóstico de esquizofrenia sofrem de sintomas neuropsiquiátricos graves.

Os critérios diagnósticos são semelhantes aos da esquizofrenia adulta. O diagnóstico é baseado no comportamento observado pelos cuidadores e, em alguns casos, dependendo da idade, auto-relatos.



Diagnóstico em crianças é feito por um Psiquiatra infantil.

A esquizofrenia não tem causa definida; Entretanto, certos fatores de risco como a história familiar parecem correlacionar. Não há cura conhecida, mas esquizofrenia na infância é controlável com a ajuda de terapias comportamentais e medicamentos.



ENTENDA O QUE É A SÍNDROME DE DOWN

O Dia da Síndrome de Down entrou para o calendário de comemorações da ONU

▶ A **Síndrome de Down** é uma alteração genética produzida pela presença de um cromossomo a mais no par 21

• Esta modificação genética afeta o desenvolvimento do indivíduo, determinando algumas características **físicas e cognitivas**



As pessoas com esta alteração devem praticar atividade física para seu bem-estar **físico e emocional**

• A maioria das pessoas com esta síndrome tem a **trisomia 21 simples**. Isso significa que um cromossomo extra está presente em todas as células do organismo, devido a um erro na separação dos cromossomos 21 em uma das células dos pais

• A comunicação acontece de várias formas como **gestos, expressões corporais e faciais, choro, fala e escrita**.

Para haver comunicação é necessário estar numa relação onde seu desejo é reconhecido e respeitado

Síndrome de Down não é uma doença.

Síndrome de Down não é uma lesão ou doença crônica que pode ser modificada por meio de intervenção cirúrgica ou qualquer outro tipo de tratamento

As pessoas com Síndrome de Down têm o direito de participação plena na sociedade como qualquer um.

Portanto, as crianças poderão estudar na rede regular de ensino

Fonte: Fundação Síndrome de Down

O que é Discalculia?



A discalculia é uma desordem neurológica que integra o grupo de distúrbios de aprendizagem e afeta a capacidade do indivíduo realizar atividades que envolvam números.

Psicopedagoga Alessandra Farias

Anexo 3 – Fotos

